

UMA CULTURA MUITAS IDENTIDADES: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME “RIO DA LUA”

Autora: Maria Suelania da Silva Oliveira;

Mariasuelania11@gmail.com

Co-autora: Kalyne Feitosa da Silva;

Kalyne_tenorio@hotmail.com

Co-autora: Maria Francielle Costa Pessoa.

Francielleuepbsol@gmail.com

Orientadora: Senyra Martins Cavalcante.

Universidade Estadual da Paraíba - senyra@hotmail.com

Resumo

O presente artigo analisa a obra fílmica “Rio da lua”, dirigido por Label, criação baseada no que o roteirista conhece da cultura indiana nos anos de 1938; no qual o cineasta aborda os costumes culturais do país como: o preconceito e a desvalorização do gênero feminino em um contexto de resistência passiva pela valorização das mulheres viúvas da sociedade indiana como também pelos os direitos civis das mulheres para que as mesmas sejam reconhecidas como indivíduo.

Uma vez que o filme retrata o cotidiano das mulheres viúvas numa sociedade predominantemente arraigada as tradições religiosas que embasados nos seus costumes considerados sagrados como o sati que se trata do ritual de sacrifício das viúvas o também aponta que a sociedade usava de atos desumano, humilhantes e preconceituosos para com as mulheres viúvas mesmo as mais novas como as crianças ao segregá-las como mortas vivas em uma espécie de cemitério.

Sendo assim o filme denuncia a segregação das mulheres viúvas da sociedade indiana daquela época, sociedade essa excludente que enaltecia a supremacia das suas tradições e do gênero masculino. Uma vez que o filme também reconstrói o contexto e cotidiano nos anos de 1938 que nos possibilita reviver momentos, vero-semelhante da cultura indiana como também as condições de vida na qual as viúvas se encontravam naquele contexto social, como as predestinação das mulheres que ficassem viúvas e sua subordinação as leis do livro sagrado de Manu e aos da cultura daquela sociedade.

O filme é indicado para professores quando forem lecionar sobre o multiculturalismo bem como para palestrantes e ministrantes de curso e formação continuada para educadores, pois a obra representa muito bem as condições em que viviam as viúvas naquela época e que até os dias atuais ainda perduram na Índia.



Palavras-chave: identidade, cultura, tradição.

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje falar de cultura tornou-se primordial visto que a tecnologia rompeu com as barreiras da distancia nos aproximando das diferentes culturas existentes no âmbito global e mediante essa realidade devemos compreender que cada sociedade tem sua cultura e deve ser respeitada.

No entanto, percebe-se também a necessidade de colocar os direitos humanos em primeiro lugar ao invés das tradições culturais, mas nem sempre se olha as diferentes culturas com essa percepção em relação aos seus costumes culturais, principalmente quando se trata da cultura em que se é parte.

Neste sentido buscaremos através desse artigo, enfatizar a cultura indiana em um contexto de resistência passiva de algumas mulheres viúvas indiana que buscaram contraporem-se as tradições da cultura religiosa de seu país nos anos de 1938 partindo dos conhecimentos culturais indianos apresentados pelo diretor Label; na obra cinematográfica RIO DA LUA, a qual apresenta o cotidiano das mulheres viúvas que viviam em condições sub-humanas e eram vista pela sociedade como mortas vivas, inclusive pelos seus parentes mais próximos.

Uma vez que segundo é apresentado no filme eram precisamente estes, os pais que cumpriam com as tradições segregando assim suas filhas da sociedade em nome das tradições religiosas do seu ciclo social, existente no país naquele contexto histórico.

E nessa perspectiva o filme aponta que as tradições fazem parte do cotidiano do individuo e fundamentalmente do currículo histórico de uma sociedade que as transmite de geração para geração com o objetivo de preservá-la através dos tempos.

Tendo primordialmente a objetividade de transmitir uma ideologia sociocultural, mas diante de uma sociedade onde as representações e concepções estão em continua transformação impedindo assim uma cultura imutável como afirma HALL citando MARX e ENGELS (1973, p.70) :

é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos ... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetusta representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é solido se desmancha no ar...

Sendo assim fica claro que as tradições a cada dia que passa vão ficando segregadas nas sociedades principalmente nas capitalistas visto que estas abraçaram os objetivos das indústrias e

estão sempre mudando em nome do consumismo para se obter mais e mais lucro que beneficiarão a cultura dominante.

O que é um fato que merece nossos questionamentos, pois uma sociedade tanto as tradições quanto suas transformações, têm o objetivo de dividir a mesma visando o lucro para alguns, o filme aponta que o grande significado daquele ritual imposto às viúvas indianas tratava-se de uma questão financeira principalmente que usa a cultura como suporte.

Assim como a revolução industrial que faz com que a elite fique cada dia mais rica socialmente e culturalmente, induzindo o pobre a ir em busca de capacitação que os impulse ascensão social e cultural onde a diferença possa coexistir de modo que as características positivas ou negativas de sua cultura dão lugar aos cidadãos e cidadãs (MCLAREM, 1997, p./124; Apud: COPIEC, 1991; ROSADO, 1989).

Sob essa perspectiva esses cidadãos capazes que ocuparão um lugar de “pura intercambialidade”, onde um sujeito branco universalizado com status privilegiados que se sobrepõe a lógica básica do capitalismo, construa sua identidade, embora essa identidade dos indivíduos esteja voltada, para a história de cada sociedade de acordo com seus discursos predominantes onde o sujeito tanto é aculturado como desaculturado.

O que aponta que nos dias de hoje, o indivíduo tornou-se ciber-nômades da cultura pós-moderna predatória e fragmentada em que sua identidade refugia-se em formas de subjetividade e de crescentes experiências isoladas ou separadas de contextos sociais e morais visto que o indivíduo baseia-se no idealismo cultural e cada dia menos no incentivo familiar o qual nem sempre faz efeito.

METODOLOGIA

O presente artigo compreende em uma análise fílmica a partir de referencial teórico que sustente a relação analítica em Hall (2006) e Mclaem (1997) e as aulas dialogadas no componente: Currículo; ministrada pela professora Senyra Martins Cavalcante no curso de pedagogia da UEPB.

No qual tivemos como instrumento a ser analisado a obra fílmica, “RIO DA LUA” sob a direção do cineasta Labelde filme este de origem canadense considerado como gênero romântico cultural com duração de duas horas, o qual tendo como personagens principais: Chuya, Kalyani, Nayran Didi Mhatuy e Mulambe.

Para realizamos a análise seguimos os seguintes procedimentos: realizamos leituras teóricas acerca de identidade cultural e choques culturais e em seguida procuramos a obra cinematográfica

para análise e registrando as ideias centrais contidas e fundamentadas nos estudos científicos realizados em sala de aula, que nos possibilitou tecermos uma discussão textual comparando a obra fílmica com as considerações de alguns estudiosos já mencionados anteriormente nestes escritos.

Esse estudo da obra cinematográfica RIO DA LUA a qual apresenta a cultura indiana e o cotidiano das mulheres viúvas, é um enriquecimento para o desenvolvimento de novos conhecimentos, visto que se percebe a responsabilidade social de se trabalhar o cotidiano da cultura do outro sob uma perspectiva diferente da nossa, objetivando compreender as inter-relações culturais dentro de uma sociedade em que se estão inseridas e como elas colaboram para formação da identidade de cada indivíduo.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A obra tem como personagens centrais, Chuya, kalyani, Nayran, Mulanby Mathuty e Didi, o filme inicia com a cena da família de Chuya viajando com o marido da criança Chuya que se encontrava doente e ao chegar em casa logo faleceu deixando a criança viúva e este acontecimento a desloca, tanto socialmente como economicamente dentro de sua sociedade indiana.

O que é enfatizado por Hall (1997), segundo o autor esta perda, de “um sentido em si” estável é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito e esse deslocamento ou descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural constitui uma crise de identidade para o indivíduo, e esse fato é apresentado no filme com Chuya com as transformações ocorridas em sua vida com falecimento de seu esposo ela passa a viver uma vida nada habitual e sem nenhum sentido para ela naquele momento.

Pois a mesma não compreendia o que estava acontecendo, e por esse fato resistia aceitar o novo estilo vida que sua cultura tradicionalista e extremamente religiosa lhe determinava que a partir daquele momento vivesse em condições sub-humanas de forma segregada da sociedade e familiares, ou seja, como uma morta viva que a parti daquele momento passaria a ser considerada impura, pois era o que determinava o livro sagrado de Manú. O qual determinava segundo é apresentado no filme que as viúvas indianas deveriam sacrifica-se se atirando morrendo juntamente com seu esposo ou se submeter a esse estilo de vida de segregação sociocultural.

Tendo em vista que de acordo com o que é apresentado na obra cinematográfica RIO DA LUA das tradições indianas aponta a realização de casamentos entre homens mais velhos e mulheres muito mais novas ou até mesmo crianças com seus sete ou oito anos mesmo que elas não entendam as implicações o que isso signifique e essa obra fílmica retrata muito bem essa situação,

quando o pai de Chuya a indaga, procurando saber se ela lembrava do seu casamento, ao que ela responde que não lembrava, mas mesmo assim, o pai dela lhe diz que seu marido morreu e que agora ela era viúva.

Sendo assim percebe-se que no filme é apresentado que o pai da criança entende o que isso significa embora a criança não compreenda mesmo ele falando para ela o que iria acontecer a partir daquele momento, ela lhe faz a seguinte pergunta: por quanto tempo papai? A garota como toda criança independente de qual a sociedade criança é criança, não compreende as mudanças que passaria tanto esteticamente como sócio economicamente.

Pois o filme mostra a cena dela questionando sobre aquele local e gritando implorando aos seus pais que não a deixassem ali no que era denominado por sua sociedade refugio das viúvas essa atitude da família de Chuya representava o enterro da filha visto eles não entrariam em contato com ela e embora eles soubessem desse significado apenas o pai esboçou sentimento de tristeza em seu olhar e jeito de falar com filha.

A mãe; no entanto, estava fria diante da situação convicta que as tradições tinham que ser respeitadas e que era o certo a se fazer naquele momento, para ela esse era um fato do dia-a-dia de sua sociedade, a qual as mulheres estavam sujeitas a passarem por isso de forma normal e aceitável, mas apesar de Chuya ser uma criança a mesma resistia a esses costumes culturais da sociedade a qual estava inserida.

Pois o filme mostra que ela queria a todo custo sair daquele lugar, cujo qual seu pai havia dito que seria sua nova casa. Chuya não queria ficar com estranhos, a menina queria sua família visto que de acordo com que transmitido no filme casa para aquela criança significado de família mostrando assim que a garota não compreendia as mudanças que estavam acontecendo em sua vida nem tão pouco as aceitava.

E a esse processo de mudança segundo (Hall,1997, p.2) tomados em conjunto representam um processo de transformação fundamental e abrangente a sociedade moderna. E ainda diz mais que são exatamente essas coisas que agora estão mudando o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e está se tornando fragmentada como também as identidades que compõe e assegura a conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da sociedade estão entrando em colapso. Como um resultado de mudanças estruturais institucionais e o próprio processo de identificação que projetamos em nossas identidades culturais são provisórias, variáveis e problemáticas.

E na cena que apresenta o cotidiano dentro refugio das viúvas a personagem Chuya conhece outra personagem a Kalyani uma jovem viúva que estava ali desde criança e essa jovem passa a aculturar pequena criança a enchendo de esperança induzindo-a a fazer orações aos deuses da sua sociedade pedindo para ir para casa, pois eles a ouviria e atenderia os seus pedidos.

Kalyani além de estar segregada da sociedade indiana ela também vivia isolada das outras viúvas dentro do refugio porque ela foi induzida por Mahtudi e Mulambe a ter relações com os homens, pois conforme o que é passado no filme eles também a aculturaram com suas crenças apontando que os deuses tomavam forma de homens para se deitar com as mulheres.

No entanto o filme indica na verdade Mulambe era um cafetão que a explorava sexualmente e tudo que ela ganhava em seus encontros era repassado para Mathudi para manutenção da casa, o que conforme o filme apresenta Mathudi sabia que era importante mente-la praticando esses atos para que ela sobrevive-se gozando de regalias dentro da casa das viúvas mesmo que isso proporciona-se mudanças para Kalyani e mais segregação dentro da sociedade das viúvas que a considera impura e lhe via como uma prostituta pecadora sem contato algum com demais mulheres segregadas no ambiente.

O que aponta que esse processo produz o sujeito pós-moderno cujo qual não tem uma identidade fixa essencial ou permanente o mesmo passou a ser uma celebração móvel em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam conforme Hall; (1992, p.3), que diz ainda que a modernidade entre em contraste com as tradições, são definidas como experiências de convivência com mudanças rápidas abrangentes e continua de forma altamente reflexiva da qual:

“As praticas sociais são constantemente examinadas e reformadas á luz das informações recebidas sobre aquelas praticas, alterando, assim, constitutivamente seu caráter (Hall, 1992, p.3; apud: ibid; p.37-38)”

Como é apresentado no filme com a volta do jovem Nayran aculturado pela sociedade inglesa e influenciado pela filosofia de Ghandi e também adepto das teorias de resistência passiva proposta por Ghandi e suas praticas em relação ao modo como sua sociedade tratava e via as viúvas, era diferente ao ponto dele se apaixonar por uma delas, a jovem Kalyani a ponto de querer casa-se com ela.

Contrapondo-se as tradições da sua cultura que determinava uma vida de segregação para suas viúvas Nayran observa as tradições de sua sociedade sob outras perspectivas de vida para essas mulheres, principalmente a da necessidade de mudança. Percebe-se isso quando em um diálogo com Kalyani diz que tudo muda e é preciso acompanhar as mudanças e adaptar-se a elas.

Mesmo que isso signifique que nossa identidade tenha que passar por mudanças continua conforme o sujeito é interpelado ou representado, visto que a identidade não é autônoma ela tanto pode ser ganha como perdida ao longo do tempo.

Uma vez que, cada dia mais está surgindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas em transição, entre diferentes posições que retiram seus recursos e ao mesmo tempo em que se distinguiram as tradições culturais que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns nesse mundo globalizado Hall, (1997, p.25).

Sendo assim o filme mostra como Nayran foi influenciado pela cultura inglesa e o filósofo Ghandi e como também influenciou pelas concepções a Klyani cujas influencias a fez perceber que todas as coisas são mutáveis inclusive as tradições e propõe uma mudança radical a Kalyani com um novo casamento.

E ela enche-se de esperança e também; sua amiga; a Chuya de sair daquele lugar onde elas sobreviviam de forma desumana e passariam a viver como uma família, mas segundo as tradições atitudes como essa traria maldição para aquele ciclo social, portanto a fim de evitar problemas a prenderam e cortaram seus cabelos, para mostra-lhe seu lugar na sociedade em ela fazia parte.

E esse fato levou outra personagem, a Didi a refletir sobre as leis de sua cultura e a sair em busca de respostas às quais obteve e foram condizentes com as concepções de Nayran e embora ela não desrespeitasse sua tradição, entendeu que ele estava certo e libertou Kalyani para que eles se encontrassem e casassem Nayran. Com esse fato percebe-se que inicia um processo de libertação em relação às tradições culturais locais. Como comenta (Hall, 1997 p.6) as mudanças junto à modernidade liberta o individuo dos apoios estáveis nas tradições o que antes não estava sujeito a mudanças fundamentais como, status, a classificação e a posição de um individuo na ordem secular e divina das coisas que predominasse o sentimento de que as pessoas fossem soberanas donas de seu destino.

Kalyani embora tenha sido influenciada por Nayran ela ainda não entendia que ela era um individuo soberano capaz de construir uma nova identidade e diante da possibilidade dela ser rejeitada e reconhecida como uma prostituta ela retorna para o refugio das viúvas, mas perante o fato dela voltar a ser humilhada e continuar vivendo em segregação mais uma vez ela prefere o suicídio e esse ato novamente desloca a vida de Chuya que depositou suas esperanças de sair dali e constituir uma nova família com Nayran e Kalyani longe daqueles relacionamentos, e diante da tragédia tratou de encontrar meios para sair da casa das viúvas e voltar para o convívio social de sua família.

Entretanto infelizmente sua inocência e desejo de voltar a sua velha vida a levou a vivenciar uma situação de abuso sexual fato esse que causou revolta em Didi que logo tratou de afasta-la do suposto refugio das viúvas a colocando no trem sob os cuidados de Nayran para que assim ela pudesse viver uma nova vida em sociedade, que lhe permitisse viver livre e ter escolha e se visse como um individuo soberano uma mulher senhora de si.

Sociedade esta que a proporciona-se a oportunidade de construir uma nova identidade tendo em vista que a identidade do individuo não lhe é inata, como enfatiza Hall, (1992, p.10) quando fala que a identidade é algo formado ao longo do tempo por meio de processos inconscientes. (Hall, 1997) também comenta que as identidades nacionais são simbolicamente baseadas na ideia de um povo primordial que persiste ou exercita o poder, pois o discurso de cultura nacional não é assim tão moderno como aparenta ser ou gostaria que fosse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise da obra fílmica com o suporte dos textos referentes ao multiculturalismo critico e a identidade cultural na pós-modernidade a questão da cultura e sua múltiplas identidades na qual percebemos o quanto é importante trabalhar as culturas e as identidades estão reproduzindo na modernidade.

Tendo em vista que vivemos uma realidade em transformação continua dentro das sociedades, como também da identidade e deve-se desenvolver o respeito de forma natural as diferentes culturas.

Para tanto produzimos esse artigo objetivando mostrar as segregações e as condições de vida sub-humanas das mulheres viúvas na sociedade indiana na cinematográfica por volta dos anos de 1938 como também os exemplos de resistência passiva de cidadãos em prol da libertação das viúvas da Índia segundo o filme RIO DA LUA o qual mostra dados apontados em 2001 que indica que mesmo depois de tantas décadas o quadro sócio cultural das viúvas da Índia ainda eram os mesmos e as tradições religiosas continuavam predominando e determinando a formação da identidade do individuo.

Mesmo perante uma sociedade pós-moderna onde o novo de hoje, amanhã já está ultrapassado, muitas tradições culturais exercem dominação e subordinação.

Portanto filme “Rio da Lua” é indicado para professores quando forem lecionar aulas a respeito de cultura e construção de identidade dos indivíduos, bem como abordar assuntos sobre direitos humanos, como também para os alunos adeptos ao estudo do multiculturalismo na era pós-

moderna e a todos interessados na discussão da tradição formação de identidade e cultura e aos ministrantes de formação continuada para professores de educação básica.

REFERENCIAS

HALL, Stuart **identidade cultural na pós-modernidade** 11^a ed. Rio de Janeiro D.P E A, 2006.

MCLAREMN, Perte **Multiculturalismo Críticos** São Paulo Cortez, 1997.